

H. CHARLES MORIZE

TAL era o nome do jovem emigrante, natural de Beaune, Departamento da Côte d'Or, cuja família a guerra franco-alemã arruinara.

Antes de completar quinze anos de idade, pois nascera no derradeiro dia de 1860, transpôs, em março de 1875, a barra da baía de Guanabara, que lhe proporcionaria cenário para as suas vitórias intelectuais.

De momento, porém, apenas lograria cargos subalternos em São Paulo, para onde se transferira, até que, estimulado pelo engenheiro EDUARDO JOSÉ DE MORAIS, que lhe percebeu os pendores para altos estudos, começou a prestar exames, que o habilitassem ao Curso Anexo da Escola Politécnica.

A 31 de março de 84, naturalizou-se brasileiro, e afeiçoado ao vernáculo o nome — HENRIQUE MORIZE —, admitiu-o, como aluno astrônomo, o Observatório Imperial.

Assim começou a carreira, fadada a continuar em ascensão, para a conquista do saber.

Terceiro astrônomo, sem tardança, mediante concurso, foi progressivamente subindo de pósto, mercê da perícia demonstrada, até substituir LUÍS CRULS na direção do estabelecimento, a 9 de dezembro de 1909.

Entre as duas datas, de admissão ao convívio de astrônomos e do encargo de chefiá-los, que lhe coube, ao completar cinco lustros de exercício, mais de uma vez evidenciaria a sua competência crescente.

Ao fim do primeiro, já granjeara nomeada suficiente para lhe ser solicitada a colaboração pelo barão do RIO BRANCO, para versar a parte referente à "Climatologia do Brasil", que deveria aparecer em trabalho indicativo de vários aspectos do país, por ocasião da Exposição Universal de Paris.

Em 1893, quando se organizou a turma incumbida de observar o eclipse solar no Ceará, achava-se credenciado suficientemente para lhe tomar a direção.

De volta, seguiria para a hinterlândia, que seu chefe e amigo, L. CRULS, aceitara examinar detidamente, para a escolha de área adequada à nova capital, consoante determinara a Constituição republicana.

Por trabalhoso hiênio, ocupou-se de tarefas topográficas e geodésicas relacionadas com essa comissão, ao fim da qual voltou para o magistério superior.

Professor interino de Física, desde 1896, esmeradamente elaborou a tese, que lhe devia garantir a efetivação, a respeito de "Raios Catódicos e de Roentgen".

O assunto harmonizava-se às maravilhas com seu gosto pelas pesquisas, que lhe inspiraram a previsão da importância, científica e industrial, que teriam os raios X, de recente descoberta.

"À sua intuição de homem de ciência, diria, mais tarde, o professor MENESES DE OLIVEIRA, levou-o a admitir que os raios de Roentgen eram de natureza ondulatória; esta hipótese, negada posteriormente por vários físicos notáveis, acha-se hoje plenamente confirmada, após as memoráveis experiências de LAUE sobre a difração dessas radiações pelas rédes cristalinas".

Catedrático, desde 26 de novembro de 1898, distribuía as suas atividades entre o Observatório Astronômico e o Laboratório de Física Experimental, que se ajudavam mutuamente.

De raro em raro, ainda aceitaria encargos, como os de Segundo Comissário na demarcação de limites com a Argentina, a que não podia escusar-se.

As mais das vezes, porém, estaria em algum dos estabelecimentos a cujo desenvolvimento se consagrava.

É de mera justiça recordar, a propósito, o julgamento do seu sucessor na Escola Politécnica, professor DULCÍDIO PEREIRA.

"Como professor catedrático de Física Experimental, que foi até 1925, época em que pediu disponibilidade, o grande mestre teve uma atuação notável, imprimindo ao ensino dessa ciência o grau de elevação que todos os seus discípulos conheceram. E entre a tarefa das aulas que cumpria com uma probidade absoluta e o seu labor no Observatório Nacional, êle achava tempo para as suas pesquisas e para as suas locubrações científicas".

No tocante à sua atuação nos domínios de geofísica, classificou-o ALIX DE LEMOS como "pioneiro e representante máximo entre nós".

Ao dar as razões da afirmativa, esclareceu:

"Com efeito, em 1905, ainda nos primórdios da sismologia, instalava o Mestre, no Observatório do Castelo, os pêndulos de EHLERT que lhe permitiriam registrar sismos e pesquisar os desvios aparentes da vertical no Rio".

A breve prazo, por volta de 1908, inaugurava "o estudo das variações do potencial elétrico da atmosfera no Rio".

E, decorrido apenas um biênio, quando já chefiava a Diretoria de Meteorologia e Astronomia, projetou e organizou a "primeira rede meteorológica brasileira".

Antes das perturbações causadas pela Guerra Européia, estabeleceu o "estudo das variações periódicas e seculares do campo magnético terrestre, em observatório anexo situado em Vassouras".

"Por ocasião do célebre eclipse solar que devia confirmar, ou invalidar a teoria da gravitação de EINSTEIN, volvia o Mestre ao Ceará, chefiando a comissão brasileira que iria a Sobral reunir-se à inglesa chefiada por CROMMELIN".

Por fim, ao regressar da última excursão, "conseguiu ainda realizar a sua máxima aspiração, a de promover a instalação e inauguração do novo observatório recentemente construído e cujo equipamento rivalizava então com o da maioria dos observatórios mundiais".

Tão acentuadas se lhe manifestava a predileção pelas cogitações científicas, isentas de utilitarismo, que promoveu a fundação, em 1916, da Sociedade Brasileira de Ciências, atualmente Academia Brasileira de Ciências, em cuja presidência permaneceu por trabalhosa década, empolgado por anseios, que lhe inspiraram claras sugestões ao ministro do Interior, interessado em reformar o Ensino.

"A Academia está convencida, afirmava o arrazoado expressivo, que a falta de um instituto dedicado à ciência pura e à pesquisa científica desinteressada tem os mais nefastos efeitos sobre o desenvolvimento intelectual do país. O conhecimento científico puro paira acima de tôdas as vicissitudes e dos interesses ocasionais. Êle tem sua vida própria, transforma-se, e volve, mas guarda o seu caráter superior, tem sua nobreza em si. O seu culto é a manifestação de um ideal, e de um ideal dos mais elevados. Desde a mais remota antigüidade a aspiração para uma vida mais alta, mais digna, manifestou-se em todos os povos pelo esforço e atenção dadas às questões de ciência pura. Um país não merece o nome de um país civilizado se não se encontram nêle condições propícias para o cultivo dêsse ideal, que se reflete em tôdas as manifestações de sua atividade".

Nessa indicação espelhava-se o fervor científico de H. MORIZE, que por volta de 1918, oferecera ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro algumas de suas obras que se relacionassem com os assuntos a cujo estudo se destinara a associação fundada em 1838.

Influência da lua sobre a chuva no Rio de Janeiro,

État actuel de la Meteorologie agricole au Brésil,

Esbôço de uma climatologia do Brasil (1891),

Sur le champ électrique de l'atmosphère au Rio de Janeiro.

Não tardou a proposta referente à sua admissão, que mereceu rasgados gabos da Comissão de Geografia, convocada a opinar a respeito.

Proclamado sócio efetivo, em sessão de 10 de junho, ingressou no grêmio tradicional, que se apressaria em solicitar-lhe a douda cooperação.

Achava-se em andamento a elaboração do "Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil", planejado em proporções amplas, que reclamava colaboradores idôneos e em número proporcionado à magna tarefa.

Não se esquivou o recebendo a participar da obra grandiosa, para a qual redigiu a magistral Introdução ao estudo do Clima do Brasil, que o fazia recordar-se de análoga tarefa no ocaso da Monarquia.

"Há 32 anos, lembrou, fui incumbido de escrever curta notícia sobre o clima do Brasil, destinada a ser publicada no volume preparado pelo barão do RIO BRANCO para apresentar o então Império na Exposição Universal realizada em Paris.

"Naquela data eram muito reduzidos os documentos que podiam servir de base a um trabalho daquele gênero, e não me era possível traçar mais que ligeiro esboço de um assunto que merece quadro completo e acabado.

"Hoje, com 10 anos de trabalho da Diretoria de Meteorologia e Astronomia, e apesar das inúmeras e consideráveis dificuldades encontradas nesse intervalo, preenchido por crises e guerras, consegui reunir, não todos os elementos existentes, mas os indispensáveis para, com fundamentos seguros, delinear os traços mais característicos do clima do Brasil."

A declaração evidenciava as continuadas investigações do professor que, já em 1889, planejara uma classificação, que, aceita e ampliada pelo Dr. DELGADO DE CARVALHO", compreendia:

A	$\left\{ \begin{array}{l} \text{Clima equatorial} \\ \text{(Temperatura média} \\ \text{superior a } 25^{\circ} \text{ C)} \end{array} \right.$	$\left\{ \begin{array}{l} 1 - \text{Tipo super-úmido} - \text{Amazônia} \\ 2 - \text{ " úmido continental} - \text{Interior do} \\ \text{Norte} \\ 3 - \text{Tipo semi-árido} - \text{Nordeste Brasileiro.} \end{array} \right.$
B	$\left\{ \begin{array}{l} \text{Clima sub-tropical} \\ \text{(Temperatura média} \\ \text{entre } 20^{\circ} \text{ e } 25^{\circ} \text{ C)} \end{array} \right.$	$\left\{ \begin{array}{l} 1 - \text{Tipo marítimo semi-úmido} - \text{Litoral} \\ \text{oriental} \\ 2 - \text{semi-úmido de altitude} - \text{Altiplanaltos} \\ \text{do Centro} \\ 3 - \text{Tipo semi-úmido continental} - \text{Interior} \\ \text{do Brasil.} \end{array} \right.$
C	$\left\{ \begin{array}{l} \text{Clima temperado,} \\ \text{brando} \\ \text{(Temperatura média} \\ \text{entre } 10^{\circ} \text{ e } 20^{\circ} \text{ C)} \end{array} \right.$	$\left\{ \begin{array}{l} 1 - \text{Tipo super-úmido marítimo} - \text{Litoral} \\ \text{meridional} \\ 2 - \text{Tipo semi-úmido das latitudes médias} - \\ \text{Planícies do Rio de Janeiro} \\ 3 - \text{Tipo semi-úmido de altitude} - \text{Altipla} \\ \text{naltos do Sul.} \end{array} \right.$

Conhecia a preceito a classificação de W. KÖPPEN, conforme a edição de 1901, da qual citou a distribuição pelos domínios megatérmico, dos xerófilos, mesotérmico, microtérmico e hecistotérmico.

Preferiu, todavia, guiar-se pelo critério que adotara anteriormente, quando não tinha ainda surgido o sistema famoso, cuja aceitação afinal superou a de outros sabedores.

Discutiu-lhe os postulados, como também os de ELLSWORTH HUNTINGTON, expostos em *Civilization and Climate*, que em parte, endossou, ao insinuar: "parece, pois, que, mesmo menos agradável, porém mais propício ao completo desenvolvimento físico e intelectual, é um clima com estações mais acentuadas, onde o efeito tônico do frio de inverno se faça sentir".

E valendo-se dos ensinamentos de G. TAYLOR, meteorologista australiano, explanados em *The Control of Settlement by Humidity and Temperature, with Special Reference to Australia and The Empire — Melbourne, 1916*, organizou o climograma de várias cidades brasileiras, para melhormente lhes confrontar as peculiaridades climáticas.

Estabelecidos os fundamentos do seu estudo, passou a examinar cada uma das porções de terreno, a que se pudessem aplicar as divisões indicadas.

Primeiramente, A-1, ou clima equatorial super-úmido, que distingue a Amazônia, com a temperatura e umidade oscilando, a primeira, de 25° a 26,5° em Belém, onde a outra se calcula por 89% e alcança quase diariamente 100% na madrugada".

Em correspondência, a altura de chuvas anuais sobe a 2 388 mm, repartidos por 243 dias.

"A zona de clima A, super-úmido, rematava após minuciosas indagações, se estende pela costa do Maranhão e do Piauí, até o comêço do Ceará, manifestando as mesmas particularidades do baixo Amazonas".

Quando ao úmido continental, A-2, o afastamento do oceano patenteia-se principalmente pela maior variação da temperatura, como indicam as observações de Cáceres e Corumbá, onde o termômetro acusou respectivamente 40°,8 e 3°,8 para as máximas absolutas na primeira cidade e 40°,6 e 0°,8 na segunda.

No tocante ao semi-árido, existe a nordeste do Brasil vasta região que, partindo do sul do Piauí e se estendendo pelos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, interior de Pernambuco, da Bahia até o norte de Minas, sofre, por intervalos irregulares, de desastrosas sêcas".

A aridez não provém da carência total de chuvas, pois que a faixa mais desprovida, de Pernambuco ao Rio Grande do Norte, recebe cêrca de 500 mm.

"O grande mal consiste em ser essa chuva muito mal distribuída".

"Ora há inundações, ora terríveis sêcas".

De maneira análoga, especificaria as características das restantes regiões, copiosamente ilustradas por cartogramas e tabelas, graças aos elementos colhidos pelas estações meteorológicas, que montara.

È trabalho que se tornou indispensável a quem desejasse conhecer o clima do Brasil, como também ocorreu a outras contribuições, apreciadas pelos competentes.

Novas investigações empreenderia quanto lhe fôsse possível. Para tanto, porém, foi lhe mingando a saúde, que o afastaria sucessivamente do Observatório Nacional, do Laboratório e, por fim, da própria Academia, cujas atividades ainda acompanhava de seu leito de enfermo.

Afinal, a 19 de março de 1930, cessou-lhe a vida, que serviria de exemplo aos contemporâneos e aos pósteros, pela bondade cativante dos seus atos, e perseverança na dedicação a radioso idealismo científico.

VIRGILIO CORRÊA FILHO



Henrique Moura